



O Primeiro Povoamento da América do Sul [The First Settlement of South América]

Guy Christian COLLET

Grupo Bagrus de Espeleologia

Rua Francisco Dias Velho, 104 (Brooklin) - 04581-000 São Paulo (SP) - Brasil

Abstract

The present paper focuses on caves in the states of São Paulo and Minas Gerais in Brazil, where there is indubitable evidence of human occupancy dating to approximately 13,000-14,000 years BP. If migration via the Behring Straits actually took place between 20,000-21,000 years BP this occupation is quite important.

Since the discovery of a non-asiatic skeleton in Minas Gerais (Lapa Vermelha IV), the situation has become even more problematic, and a more detailed investigation is called for. This investigation will be complicated by the fact that the passage from the coast to the uplands no longer exists. At the time, the sea level was much lower than it is today, and the coastline then was located far from the present coast.

Alguns Elementos Fornecidos pelas Cavernas Brasileiras

O Sambaqui Fluvial de RIBEIRÃOZINHO III

Locado na Caverna SP 138 em Set/1987

Relatório de um Corte Teste em um Novo Sambaqui Fluvial em Caverna

Localização

Sul do Estado de São Paulo

Município de Apiaí (CEP 18320-000)

Norte do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)

340 km de São Paulo - Capital

120 km do mar

Na mata primária

Altitude 515 m - A.N.M.

Entrada da Caverna Ribeirãozinho III - SP 138 (S.B.E.)

Longitude 48° 30'32" - W.GR.

Latitude 24° 20'31" - S.

Nome da ocorrência; Ribeirãozinho III

Pesquisador responsável; Guy Christian Collet

A descoberta dos sambaquis fluviais no Vale do Ribeira, em 1975 e a posterior localização desses sítios conchíferos em caverna e abrigos sob rochas de altitude, mostrou que certos povos em épocas remotas (mais de 10.000 anos), utilizavam rotas migratórias fixas de maneira regular consumindo recursos alimentares locais adaptados às regiões atravessadas e as estações do ano.

Os sítios assinalados por nós, são exclusivamente constituídos de moluscos pulmonados terrestres, herbívoros e com restos de caça de mamíferos de porte médio. As altitudes variam de 30 a 900 m acima do nível do mar.

Cronologicamente constatamos o seguinte: primeiro - o Geógrafo Richard Krone (1908), localizou em seus levantamentos topográficos 03 (três) pontos hoje totalmente destruídos, onde os sítios arqueológicos

correspondem perfeitamente à descrição dos que encontramos em Apiaí e Iporanga (SP). Segundo - o Prof. Dr. Kiju Sakai em 1938/39, estudou vários amontoamentos de caramujos na região de Pedro de Toledo (SP). 35 km do litoral e publicou os resultados no Japão em consequência da guerra. Lamentavelmente as descobertas não foram divulgadas e o mundo arqueológico brasileiro ignorou totalmente esses dados.

Finalmente, pesquisas espeleológicas na região de Iporanga (SP) possibilitaram ao Departamento de Arqueologia da SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia daquela época (1975), dirigido por G.C. Collet, descobrir outros sítios conchíferos similares aos descritos pelos dois estudiosos citados.

A prospecção de campo na região, baseada na similitude geomorfológica de diversos pontos, permitiu ao mesmo grupo a localização de muitas outras estruturas idênticas. Infelizmente estes restos culinários representam um interesse particular para os moradores do lugar que, após moagem, utilizam-nos para adubar hortas, alimentar galinhas e utilizam as grandes e belas conchas do mega-bulimus como adorno e lembranças.

O resultado, após tantos anos, é a quase total destruição da maioria dos sítios. Só escaparam da aniquilação aqueles escondidos na mata fechada ou em entradas de cavernas. Ribeirãozinho III é o último localizado em gruta.

A Conquista da América

A procura de vestígios, os mais antigos, da presença do Homem sobre o continente Sul Americano foi sempre para os arqueólogos uma secreta preocupação. Até os espeleólogos, com esses lugares privilegiados que são as cavernas, estão interessados no assunto, tentando, eles também, a seu modo, trazer alguns elementos positivos ao imenso "quebra-cabeça", que parece relativamente simples, mas que por múltiplas razões e circunstâncias coloca em cheque os mais qualificados especialistas, as teorias mais prováveis ou plausíveis, as tecnologias mais sofisticada. O Brasil, país com dimensões continentais, deveria possuir alguns vestígios da passagem, migração, deslocamentos destes grupos que a 8/9.000 anos atrás chegaram à extrema ponta Sul da América. Precisamos encontrar vestígios sobre rotas migratórias destes primitivos que, incontestavelmente teriam idades superiores a essas datas já bastante antigas.

Preocupados com essa falta de elementos, nós espeleólogos do Estado de São Paulo, apresentamos para quem quer estudar material malacológico, ferramentas do Sílex, sepulturas, etc..., que se enquadram perfeitamente nos dados indispensáveis para marcar um ponto sobre o mapa que mostra o caminho dos pioneiros Americanos.

Collet e seu grupo de espeleólogos em 1974 não só acha o primeiro lugar do KRONE como localiza um novo sítio, na ocasião da sua destruição parcial pela retificação de uma estrada tortuosa da região.

Um estudo geomorfológico comparativo, já citado anteriormente, até agora 2 ocorrências, mostra alguns parâmetros comuns, pelo menos a esses 2 primeiros. Estudando os mapas à grande escala (1/10.000) onze locais são escolhidos por se enquadrarem razoavelmente com os parâmetros geográficos e geológicos de Anta Gorda e Januário. Só falta associar os vestígios arqueológicos. Evidentemente não há caminhos ou trilhas definidos para se chegar aos lugares assinalados nos mapas e são muitos quilômetros a pé.

A plotação dos Sítios sobre o mapa, nos mostra claramente uma linha direcionada do Planalto Central (+/- 1.000 m de altitude) para o litoral passando na altura de IPORANGA (SP) e ITAOCA (SP).

Uma outra rota migratória afastada um pouco ao Norte, quase a 200 km., paralela à primeira na mesma direção, porém desta vez como eixo a cidade de Pedro de Toledo (SP).

Essa última concentração de ocorrências, não se achando em região calcária e portando de caverna, nos foi comunicado pelo Prof. KIJU SAKAY, que nos tinha mostrado algumas estruturas similares, todas em campo raso e a margem de córregos locais. O Prof. KIJU estava ciente das nossas descobertas através de uma publicação que um senhor japonês tinha achado na USP.

Felizmente, os vestígios arqueológicos mais bem conservados são aqueles localizados em abrigos sob rocha, entradas de cavernas ou francamente em cavernas.

O estudo sobre a presença destes restos muito antigos (para o Brasil) não foi efetuado com meios financeiros suficientes nem dispendo de tempo adequado para poder ampliar os resultados já obtidos, que julgamos excelentes e penetrar em certas regiões da Floresta espessa, quase primária (Mata Atlântica), o que teria com certeza revelado numeroso outros sítios. Mas o que nós já localizamos consiste em provas

suficientes para chamar a atenção dos arqueólogos que se dedicam ao estudo dos diversos povoamentos do nosso Continente.

Nossas descobertas suscitaram trabalhos de mestrado alguns anos atrás e também muitas críticas por ter este vasto programa de prospecção, sido realizado por espeleólogos. Mas isto já era esperado e comprova mais uma vez que, para descobrir vestígios arqueológicos muito antigos é preciso percorrer o campo (quase sempre difícil) e além de Ter uma boa preparação pré-histórica, abrir os olhos.

Collet chama de "Sambaquis Fluviais" essas novas ocorrências no estado de São Paulo para os diferenciar dos Sambaquis Marítimos (costeiros) compostos, eles, de milhões de berbigões e ostras, todos moluscos bivalves, todos de origem marítima.

Lembraremos também que, o único arqueólogo ativo que estudou um crânio de "Lagoa Santa" (lapa vermelha) é o Dr. WALTER NEVES, que remodelando e dando volumes as faces de uma caveira descoberta há 20 anos atrás (Luzia 13.500 anos), especialistas determinaram, já faz também muitos anos, que os habitantes dos "Sambaquis Fluviais" eram da raça de Lagoa Santa o que é também um indício da antiguidade dos nossos migrantes.

Seria interessante lembrar, em poucas linhas, as características principais dos sítios concheiros, caramujais (sítio coquiller) que nos redescobrimos, já faz 25 anos.

Localização

A grande maioria destes sítios conchíferos se localiza em terrenos planos assemelhando-se aos sítios colinares ou seja +/- 70 % deles se acham na barra de córregos perenes com rios mais importantes, todos fora de alcance das enchentes periódicas sazonais. Alguns geminados, chamados assim por se encontrarem repartidos de cada lado de um córrego menor, os primitivos viviam com esse abastecimento de água potável em áreas às vezes bastante desiguais. É comum encontrar perto das ocorrências arqueológica, afloramento de grandes blocos de granito, o que de vez em quando facilita a localização dos "Sambaquis Fluviais".

Um outro tipo de localização é em abrigo sob rocha no pé de barrancos ou até como no alto Vale do Ribeira, debaixo de imensos amontoamentos de matacões de granito, muitas vezes formando superfícies cobertos passando 100 m², oferecendo excelente proteção; esses lugares freqüentemente chamados de casa de pedra ou casas de bugres, são atualmente, quase que sempre utilizados para abrigar o gado à noite durante o frio ou época de grandes chuvas.

O terceiro tipo de sítio é aquele encontrado em caverna ocorrências arqueológicas mais bem conservadas, não estando em superfície perturbados pelos cultivos nem pela penetração de raízes de árvores frutíferas ou mata silvestre da flora tropical exuberante. Os animais fuçadores a grandes galerias, como raposas, tatus, pacas, raramente fazem as suas moradias nessas cavidades naturais e principalmente nestes sedimentos concheiros.

Alguns destes sítios conchíferos de áreas abertas chegam a Ter 500/800 m² como em Januário. Mesmo em cavernas a sua percepção não é sempre evidente, principalmente quando pisoteados pelo turismo intenso durante quase 40 anos (Morro Preto) ou em abrigo sob rocha (Temimina) onde a sedimentação eoliana recente recobre tudo com vários centímetros de material orgânico (em função do desmatamento parcial) e aonde muitos pássaros tomam o seu banho de poeira. Também os animais que fazem galerias provocam algumas perturbações em superfície até 40 cm de profundidade. Aqui pouca vegetação, alguns arbustos e cipós espinhosos. Em zona florestal densa, os abrigos, sempre e até recentemente foram utilizados por caçadores de fauna de médio porte como catetu, anta, veados, pacas ... presença marcada por numerosas fogueiras superficiais que felizmente não afeta muito o subsolo.

Conteúdo

De modo geral o conteúdo é relativamente homogêneo não tendo diferença marcante de um sítio para outro, mesmo sendo afastados várias dezenas de km.

Os caramujos maiores são os Megallobulinus Gamatus que chegam a 125/130 m/m de comprimento para um diâmetro de 75 ou mais milímetros. Seguem os Megallobulinus Yporanganus com 95 m/m de comprimento por 45 de diâmetro. Como se sabe esses Gastrópodes são terrestres herbívoros e constituem aproximadamente 60% do volume do sítio.

O material lítico é raro e pobre. Nas camadas mais profundas aparecem muitos seixos rolados tendo sido fragmentados por choque térmico (Januário-Itaoca). No abrigo Maximiano, artefatos de calcário, quartzo e diabásio foram achados com algumas pontas de ossos polidos.

Em todos, restos de esqueletos esparsos, numerosas sepulturas humanas, restos de tartarugas, roedores, répteis, caranguejos, ossos de pássaros, batráquios, bivalves de água doce, vértebras de grandes peixes ...

Lembramos que os estudos antropométricos foram efetuados por especialistas do Rio de Janeiro (Dr^a ALVIN MARILIA C.MELLO) nos informando que os ocupantes dos Sambaquis Fluviais faziam parte da raça "Lagoa Santa".

Um outro pequeno mistério que seria interessante de estudar e solucionar; a presença na região de Itaóca de peças líticas muito elaboradas e caprichadas, com formato próximo de certas pontas do extremo sul do continente (achados dentro da Caverna Fell e datados de 8.300 anos no Chile). Elas são qualificadas do tipo "Rabo de Peixe". Outras são morfologicamente próximas dos artefatos de Cactus Hill, costa oeste dos USA. Enfim, algumas de amplas dimensões são de espessura extremamente fina, deixando dúvida quanto a sua utilidade vista a sua grande fragilidade (ver artigo de Collet sobre "Material Lítico de Itaóca/1974").

Seria bom lembrar que estes paleoíndios deviam descer, provavelmente, muito mais longe que os últimos vestígios localizados, visto que o nível do mar devia estar alguma coisa como 20 m, no mínimo, mais baixo que o atual, o que representa em projeção vertical sobre a plataforma continental, um recuo de vários, talvez, dezenas de quilômetros em relação ao litoral dos nossos dias. Portanto nós estamos de posse de dados incompletos das rotas migratórias da época, não sabendo quais eram os seus hábitos e moradias em fim de linha, as dizer nos últimos 150 km até a costa. Eram Sambaquis Marítimos (sítio "coquiller") como aqueles que conhecemos que datam só de 4 a 6.000 anos? Grande probabilidade que sim, porém é mera suposição.

Os estudos geomorfológicos e domínios naturais do continente Sul Americano dos últimos 30.000 anos indicam que entre 13 e 18.000 anos BP depois do regresso do máximo da última grande glaciação, imensas porções do território estavam cobertas de savanas, estepes arbustivas, cerrados ralos com raros bosques de vegetação mais intensa nos locais mais úmidos. Enfim, mais para baixo, desembocando sobre o cone sul, as planícies sem fim, secas e semi-áridas, terminando a área de estepes na terra do fogo, fim de linha porque fim de terra firme.

Essas condições não ofereciam grandes dificuldades a esse progresso, provavelmente lento, porém, constante, de rústicos povos nômades, com algumas etapas, visto que de vez em quando se encontravam micro regiões mais arborizadas e acolhedoras, no pé de grandes escarpamentos de rocha oferecendo melhores recursos alimentares vegetais e uma concentração de pequena e média fauna que possibilitavam paradas prolongadas, reparadoras de fadigas, ferimentos, doenças. Algumas reservas e provisões podiam ser feitas para a próxima marcha.

Considerando a possibilidade ou eventualidade do trajeto Ter sido feito por via marítima, ele também pode Ter sido relativamente rápido.

As costas sul-americanas estando relativamente livres de tormentas, ciclones, tornados, tufões, ... a navegação de cabotagem é tranqüila. Existem evidentemente as correntezas contrárias, porém, sem grande influência sobre pequenas embarcações à vela, muito perto do litoral. Já imaginou, barcaças de 15 a 18.000 anos atrás?!

É por esse motivo que insistimos para que, o que os espeleólogos de São Paulo descobriram dentro do seu perímetro calcário do Sul do Estado, seja estudado seriamente, visto que, esses antiquíssimos sítios arqueológicos não foram datados, na época das escavações, sobre amostras recolhidas no fundo das sondagens, mas a 2/3 da espessura do sedimento por se achar material mais em condições. Apesar disto, as datações davam 10.800 anos.

Vamos imaginar o que poderia ser 50 a 60 cm mais abaixo. Dentro dos artefatos manufaturados recolhidos existem dois bifaces de quartzo tipo Europeu, um inteiro, outro a 2/3 do seu volume primitivo, achados no meio de excrementos de vacas na periferia de um curral.

Essa região de Itaóca ao Sudeste do Estado de São Paulo mereceria ao nosso ver, uma prospecção sistemática mais intensa que aquela que nós praticamos para localizar cavernas e as ocorrências de caramujais, reportamos mais de 30 sítios, sem ver o potencial do lado do Paraná.

Nosso dever o fizemos: achar sítios, indicando uma grande antiguidade, todos relacionados e com posicionamento geográfico exato (GPS) e comunicados às autoridades.



Esperamos, mais uma vez que, esse trabalho de longos anos seja avaliado seriamente e tomado em consideração. São poucos no mundo os dados fiáveis e as datações precisas. Então, queremos que especialistas Brasileiros (ou outros) se aproveitem deste esboço, juntem a outros, para tentar elucidar o grande quebra-cabeça que é a saga dos primeiros homens sobre o Continente Americano.

São Paulo, Novembro de 2.000